

Geografias Vividas

Lived Geographies

Pedro Pinchas Geigerⁱ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

No começo do ano de 1940 iniciei o curso de Geografia e História na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje UFRJ. A faculdade funcionava em um nobre casarão do Largo do Machado, hoje ocupado por um colégio da municipalidade. Dois leões em pedra continuam ladeando a escadaria do velho prédio.

Leões não são nativos do Brasil e a sua representação tem a ver com antigas práticas aristocráticas vindas da Europa. O estudo, a atividade que era realizada naquele prédio, procede desde os inícios do processo civilizatório, quando a produção de excedentes passou a permitir que certos indivíduos, relacionados com a religião e com a formação de elites, se dedicassem a pensar. Assim, aqueles leões me transmitiam uma sensação de nobreza que envolveria o ato de estudar, que no passado era reservado às elites. E não era eu um exemplo daquele movimento de religiosidade e de elitismo? No Brasil de então, não era o estudo universitário uma atividade de elites?

Era verdade que a minha família, de imigrantes do Velho Mundo, era muito pobre, mas, por essa razão, guardava o comportamento de aristocratas decadentes. De um lado, esta família pertencia a um povo acusado de deícida, mas, que se dizia “povo eleito” por Deus; e, de outro lado, tivera ancestrais com títulos aristocráticos distribuídos pelo Imperador Francisco José do antigo Império Austro Húngaro. Por meio das tradições judaicas, a antiguidade estava sempre presente no lar, como se ela fosse de ontem. Do mesmo modo que o tempo, o espaço vivido da família também se estendia para além do Brasil, por causa das migrações de pais e avós para a Palestina/Judeia/Israel/Inglaterra/Áustria, e que se encontravam em Guerra desde 1939. Meu pai, anglófilo, vivera a Primeira Guerra Mundial, tendo assistido ao então maior centro capitalista conquistar a Terra Santa dos turcos e introduzir a modernidade.

Portanto, a representação de leões já me era familiar, vista nos brasões ingleses do passaporte do meu pai, nos bordados dos mantos dos rolos de pergaminho do Pentateuco e nas cortinas do armário da sinagoga em que esses rolos eram guardados. Aqueles leões foram aqui acolhidos, assim como o foram os cristãos novos que criaram este país, ou a família dos meus pais. Eles me pareciam falar de tudo isso. Também me faziam recriar a atmosfera da sacralidade que era reinante durante a era medieval.

A diversidade morava ao lado da faculdade. Nas oficinas de bonde da *Light*, que, em outro lado do Largo do Machado lembravam um país entrando na era da indústria e da tecnologia. Ao lado dessas oficinas, um outro ambiente era o do boêmio *Café Lamas*, com o seu grande salão de bilhar, frequentado por estudantes nos intervalos ou no fim das

ⁱ Professor visitante do programa de pós-graduação em Geografia da UERJ. pedro.geiger@gmail.com

aulas. Esses alunos não eram somente de adolescentes, uma vez que setores da cultura carioca afluíram para a nova faculdade, para receber a confirmação de suas atividades já praticadas por meio do diploma. Eram professores de ciências, artes, filosofia, história, sociologia, filosofia, matemática, literatura anglo-germânica, entre outras. Celso Cunha fora meu professor de português no Externato Pedro II, depois que o José Oiticica fora preso, e agora, levado por Newton Rodrigues, meu colega de turma; eu fazia parte do mesmo grupo; Cecília Meirelles é outro nome que lembro dentre os alunos já intelectuais conhecidos. Neste novo mundo que se abria para mim, iria conhecer a família Koiffman e as três irmãs, Fany, Liuba e Bertha. Esta última, em 1940 uma criança de 7 anos de idade.

Eu morava no bairro de Vila Isabel, ainda em um clima de Noel Rosa, à rua Barão de São Francisco, no trecho entre a praça Barão de Drummond, chamada popularmente de Praça Sete e o Morro dos Macacos. Quando o morro ainda era visto romanticamente como um local para se apreciar o “mar de estrelas”, e quando a Vila era conhecida por suas batalhas pré-carnavalescas de confete das ruas Santa Luiza e Dona Zulmira. O barão de Drummond instalara o Zoológico da cidade ali perto e introduzira o jogo do bicho. Portanto, era adequado chamar a Praça pelo número tido como o da mentira. Antes, eu morara em outra rua do bairro, a Teodoro da Silva, em uma vila, ao lado de uma outra, onde morava Noel Rosa. Conheci Noel Rosa em festas juninas em uma casa senhorial daquela rua. Conheci também a fábrica de tecidos Confiança, a dos Três Apitos, hoje um *shopping*.

Em Vila Isabel, tive as primeiras lições sobre centralidade e sobre a classe operária. Na esquina da avenida Vinte e Oito de Setembro com a Souza Franco ficava o Ponto dos Cem Réis. A avenida Vinte e Oito de Setembro era também chamada, no Rio de Janeiro, de *boulevard*. Servido que era de trilhos de bonde implantados sobre uma banqueta formando uma pista exclusiva de duas mãos, como é usual em cidades e metrópoles médias europeias até os dias atuais. Ponto, era o nome dado às paradas de bonde e o Ponto do Cem Réis era onde nova seção com tarifa de cem réis era iniciada. Por que a *Light*, detentora dos bondes, escolhera aquele ponto para marcar mudança de tarifa?

Muitas vezes assisti, quando morava na Teodoro da Silva, em certas horas, a multidões descendo a Souza Franco, para o Ponto Cem Réis, negros(as), mulatos(as) pintados(as) de manchas brancas. Enquanto outras, mas, com as pessoas sem manchas iam subindo a rua. Era a troca de turno de trabalho. Depois, descobri que as manchas brancas eram fiapos de algodão que grudavam no cabelo dos trabalhadores. Descobri, também, que era porque massas de trabalhadores subiam e desciam o bonde naquela esquina, vindo e indo nos dois sentidos, que ela se tornara um ponto de seção. A afluência maior de pessoas para aquele ponto influenciou para a concentração de atividades comerciais em torno daquela esquina, inclusive do café do “seu garçom” de Noel Rosa.

Tendo entrado na universidade, diariamente ia a pé da rua Barão de São Francisco até a Praça Sete, daí ao Ponto do Cem Réis, para tomar o bonde até a Praça Tiradentes (pela linha Vila Isabel – Engenho Novo), ou até o Largo do São Francisco (pela linha Lins de Vasconcelos). De um destes locais, caminhava até o *Tabuleiro da Baiana*, como era chamada a construção no Largo da Carioca, que servia de terminal de outro sistema de bondes, o que atendia à Zona Sul. Lá, tomava outro bonde até o Largo do Machado. A Zona Sul era acessível por trilhos colocados na rua do Catete e passando pelo Largo do Machado, por onde corria, por exemplo, o bonde Leme, e por trilhos traçados pela Praia do Flamengo, por onde corria, por exemplo, o bonde Ipanema.

Naquela época, as mulheres não estavam presentes em todo tipo de trabalho. O magistério era o que mais se lhes abria. Era grande a frequência feminina na Faculdade de Filosofia. Em minha turma, algumas marcaram presença na minha vida, como Regina Pinheiro Guimarães, depois Regina Rochefort; Lea Lerner, hoje Goldenstein; e Fany Rachel Koiffman, hoje Davidovich.

Esta última, da qual Bertha Becker era irmã, teve um papel decisivo em minha vida e, como me pareceu, também, na da Bertha.

Até a Segunda Grande Guerra, as sociedades judaicas eram divididas por todo o mundo ocidental em três partes. Uma parte da burguesia e das massas populares fora tomada pelo ideal sionista, socialista ou conservador. Outra parte seguia pelo caminho socialista, extremo ou progressista, e oposto ao sionismo. Um terceiro setor ignorava uma atividade política judaica própria. As duas primeiras linhas se hostilizavam intensamente.

Eu pertencia à camada popular e, pela origem familiar, sionista. Lea e Fany eram de famílias burguesas, a da Lea, socialista antissionista extrema, a da Fany, não sionista e de inclinação progressista. As famílias mais abastadas já haviam deixado os bairros do centro, como a Praça 11, ou da zona Norte, mudando para a Zona Sul. A família da Lea habitava o Flamengo, à rua Artur Bernardes, a da Fany, aguardava um apartamento em construção na rua Paissandu, no Flamengo. Habitava provisoriamente grandes dependências em um hotel que havia em uma área na mesma rua e demolido posteriormente para a abertura da praça José de Alencar.

De mesma idade, mas, sendo meninas, psicologicamente Fany e Lea eram bem mais maduras do que eu. Além de viverem já na modernidade, na cultura laica, mantendo relações sociais mundanas, participando de um grupo de jovens judeus, conhecido como grupo do Flamengo e frequentando um clube social chamado Cabiras. Eu, até então, não conhecia círculos de amizade, vida social mundana. Elas convidavam-me a participar e a visitar as suas casas e tentaram me politizar para a esquerda. Naquela época, não entendia pessoas de dinheiro, judias, sendo de orientação esquerdista e antissionista e me fechei ante esta tentativa. Somente aceitaria a politização vinda do Newton de Almeida Rodrigues. O meu primeiro passo político foi ser cofundador, no Brasil, do movimento juvenil *Hashomer Hatzair*, a Guarda Jovem, movimento comunista socialista, quando meu pai atuava no *Mizrachi*, o Oriental, um partido sionista de orientação religiosa. Por uma segunda fase de politização, menos festiva, eu iria passar quando já no trabalho, no IBGE.

Quando entrei na faculdade, meu distanciamento da modernidade era tal que ignorava a existência da música clássica, o máximo do meu conhecimento, além da música da litúrgica da sinagoga, era o Danúbio Azul. A Fany estudava piano e, na primeira vez em que fui ao seu apartamento, no tal hotel, lembro-a vestida de botas vermelhas, servindo-me de canapés, que recusava devido às práticas culinárias religiosas que ainda seguia, e tocando a Dança do Fogo de Falla, que concluiu com aquele passar do seu braço longo e elegante por todo o teclado e que me fascinou totalmente. Sua família era de origem russa e a via como se fosse da antiga alta classe russa. Naquela época, estava se formando a OSB, dirigida pelo maestro Szenker, um refugiado do nazismo, e ela me levou para assistir a um ensaio da orquestra na Escola Nacional de Música à rua do Passeio. Ensaivavam a Quinta de Beethoven e fiquei maravilhado. A Fany me abriu o mundo da música erudita. Ela também me fez aprender a dançar.

Por outro lado, fazia idealmente a Fany ocupar um lugar particular no meu judaísmo. O nome Rachel em hebraico significa ovelha. Quanto à Fany, vem de *Frume*, em *Yidish*, pessoa pia, *Frume Ruchel*. Na minha fantasia de garoto de 17 anos, Lea e Rachel eram como reencarnações das matriarcas bíblicas, e como Jacó me inclinei pela Rachel, que achava a mulher mais linda (como ela ainda é). No entanto, ainda garoto, muito tímido, sem traquejo nas relações sociais, sentindo-me pertencer à outra classe, nunca declarei os sentimentos românticos naturais em um adolescente.

A Fany passara a significar tudo para mim. Até os anos 50 eu tinha duas irmãs, uma dois anos e meio mais nova, a Sarah, que perdi em 1954, e outra 10 anos mais nova, a Eva. A Fany também tinha duas irmãs e com um mesmo distanciamento de idade. Esta simetria significava algo mágico para mim, o que hoje posso chamar de um sentimento da tríade, e nas minhas fantasias passei a vê-las como minhas irmãs.

Terminada a faculdade, Fany se casou com o engenheiro Paschoal Davidovich e se afastou da Geografia. Enquanto isso, eu passava de garoto (acho que tenho um ritmo lento, que me tem proporcionado uma relativa longevidade) para jovem adulto. Meus contatos com a Fany se tornaram esporádicos.

Todo esse passado voltaria torrencialmente em 1962, quando ela me procurou, pedindo para voltar à atividade geográfica. Com o Speridião Faissol, então Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia, conseguimos o seu ingresso no IBGE. Se o meu empenho por sua nomeação possa parecer uma retribuição pelo que me tinha dado, na realidade esta não foi absolutamente a motivação. Até hoje a Fany tem mostrado a sua capacidade criadora, que teve não apenas comigo, mas com a Geografia brasileira em geral. Grande mãe, o é também de um dos mais ilustres físicos brasileiros, Luís Davidovich.

Com o seu ingresso no IBGE, as minhas relações com a Fany passariam a centrar sobre uma reflexão e produção geográfica compartilhada, sempre com vistas da Economia Política. Também não faltariam ações políticas comuns, quando em um dia de 1968, saímos do prédio Iguazu, do Departamento de Geografia do IBGE, à avenida Beira Mar, abandonando o serviço, para o desfile pela avenida Rio Branco contra a ditadura.

Já crescidas, as irmãs da Fany passaram a participar desta comunhão. Bertha, particularmente por ter igualmente ingressado na Geografia. Até o fim de sua vida, quando a Bertha me ligava ao telefone, ela se identificava como “sua irmã mais nova”, ou, sua “irmãzinha”.

Terminado o curso, Bertha foi convidada para ser a segunda assistente do professor Hilgard O’Sterberg. A primeira fora Maria do Carmo Galvão. Por razões ideológicas, o Hilgard nunca me tolerou, enquanto mantinha forte amizade com o Nilo e a Lysia Bernardes, do IBGE. Eu me tornei mais ainda *persona non grata*, quando Regina se tornou Rochefort e aderiu ao marxismo. A Regina era prima da Carolina Lobo, ambas, também minhas colegas de turma na faculdade, sendo que a Carolina se tornou a esposa do Hilgard. A Regina, então uma Pinheiro Machado, não me suportava de tão reacionária que era. Tinha casado com um pintor acadêmico Frank Schaeffer, amigo de Hilgard. Como todo pintor ia a Paris, a Regina conseguiu que o pai dela, o almirante Spinola, representante da Marinha no Diretório Central do IBGE, arrumasse uma licença para ficar na França e estudar Geografia, enquanto acompanhava o marido. Se tive influência na conversão da Regina não sei. Ela era bastante inteligente para perceber também a arte acadêmica como decadente. O fato é que se separou do amigo do Hilgard, o que

o deixou furioso comigo. Quando a Regina voltou, por um tempo, ao Brasil, logo me procurou e trabalhamos juntos na Baixada Fluminense.

Portanto, neste quadro, com o Hilgard na UFRJ, minhas relações com a Bertha se mantinham atreladas às minhas relações com a Fany. Até que veio o golpe de 64.

O extremismo ditatorial que foi sendo assumido pelo regime militar, foi contribuindo para que setores brasileiros conservadores passassem crescentemente a se colocar contra o mesmo. Isto ocorreu também na área geográfica, na USP, na UFRJ e na PUC. A Bertha provinha de um meio progressista e pôde começar a expressar, progressivamente, as suas ideias socialistas.

O afastamento do Hilgard abriu as possibilidades para que a minha relação com a Bertha compreendesse crescentemente a vivência das atividades geográficas.

Havia uma diferença enorme entre Bertha e Fany quanto aos seus comportamentos ante o trabalho. A Fany manteve sempre uma separação muito definida entre sua vida social, que se desenrolava desde o seu passado, e sua vida de atividades geográficas. Nunca realizou eventos sociais geográficos em seu apartamento, não convidava geógrafos estrangeiros visitantes para o seu lar, como fazia o casal Bernardes, a Bertha Becker e eu mesmo. Não possuía ambições de projeção política nos negócios da disciplina. A Bertha, ao contrário, centralizou a instância geográfica fazendo com que todas as outras atividades sociais girassem em torno de sua profissão. Eu costumava criticar a Fany, observando certa atitude amadorista em seu comportamento, mas isso não a fazia mudar o seu modo de ser. A política produzida pela Fany se restringia a uma política a ser embutida no conhecimento geográfico e que deveria dar suporte a ideologias a serem praticadas pela população, ou a servirem de base para as gestões públicas do país. Para Bertha e para mim, uma participação mais pessoal na política do campo geográfico e nas lides da gestão pública era necessária, para que aqueles objetivos fossem mais bem alcançados. Hoje, quando penso sobre isso, pergunto-me se não era a nossa ambição maior o que nos diferenciava da Fany, que se mantém, até hoje, como a *Frume Rachel*, despida de certas vaidades. Ou então, se não era para não entrar em uma competição, que poderia acabar envolvendo a nós próprios, que ela ignorou a busca por posições no campo nacional e internacional de instituições geográficas.

Vejo como positivo o fato de que a convivência profissional com a Bertha nunca afetou o ambiente familiar que era mantido desde o passado. Nunca fomos meros colegas, ou amigos, nem a hierarquia normal de irmãos por idade, com as suas regras, deixou de ser mantida entre nós.

Em 1970, fiz parte da banca que a aprovou na Livre Docência da UFRJ. Depois, passamos a atuar na UGI. Bertha conquistou posições e a amizade de líderes internacionais da economia espacial, da Ciência Regional, como Arie Schachar e Akim Mabogunge. Nos anos 80, aposentando-me e já entrando na terceira idade, é ela quem passou a me ajudar, participando da oferta de convites para eu lecionar na pós-graduação da UFRJ, como professor visitante. Na década de 90, na direção da Comissão Nacional do Brasil da UGI, organizamos e publicamos *Geografia e Meio Ambiente no Brasil*, de 1994, comemorativo da Eco Rio de 1992, editado pela Hucitec, São Paulo e pela Comissão Brasileira. Depois, tornei-me pesquisador associado ao Laboratório de Gestão do Território – LAGET, instituído na UFRJ por ela e por Cláudio Egler, com bolsa do CNPq. A seu pedido, contribuí com alguns estudos sobre o urbano amazônico. O tema regional e o

Geiger, P. P.

da Geografia Política foram áreas centrais no trabalho de Bertha Becker, que se tornou a pesquisadora brasileira maior sobre a geografia amazônica. Reconhecida, é chamada a ser consultora do poder federal para questões amazônicas.

O tempo erode tudo. Fany se aposentou e se afastou da rotina da atividade geográfica. Bertha perdeu o marido, vítima relativamente jovem de estranha doença, e acabou também doente. Trabalhou até os momentos finais de sua vida. Eu tive uma aluna na pós da UFRJ, a Mônica Sampaio Machado, que passou a se destacar como professora da disciplina da UERJ, e se lembrou de mim. Criou-se para mim um outro formato de relação, como que a ensinar sobre a inesgotabilidade do novo que a vida contém; do mesmo modo que o espaço geográfico o contém. Desde 2010, sou professor visitante da UERJ, com novos voos, embora “de galinha”, na Geografia. A relação com a Fany e com a Bertha ficou mais distante, embora resida no mesmo prédio da primeira. No entanto, como na última cena do filme “Cidadão Kane”, uma imagem permanece sempre dentro de mim, a do relacionamento com as irmãs Koiffman.

Recebido em: 24/12/2013

Aceito em: 28/12/2013